

NEGACIONISMO E RELIGIOSIDADES: UMA PERSPECTIVA EVANGÉLICA¹

Data de aceite: 02/06/2023

Elizete da Silva

Professora doutora, titular plena da Universidade Estadual de Feira de Santana. Docente do Mestrado em História. Coordenadora do Centro de Pesquisas da Religião. Pós doutorado na Universidade de Évora. Vice coordenadora do GT História das Religiões da ANPUH. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0557949565804841>.

"No fim dos tempos surgirão falsos Messias, falsos profetas".

(BÍBLIA, APOCALIPSE 1, 7)

Introdução

Escrevemos este artigo sob o impacto do luto, da tristeza de se contar com mais de 611 mil mortes de brasileiros, vítimas da COVID 19. No mundo já são 5,13 milhões de vidas ceifadas, as quais,

segundo os especialistas, poderiam ter sido evitadas se realmente tivesse havido um cuidado efetivo das autoridades com políticas sanitárias rigorosas que respondessem à altura da gravidade da situação. A questão que nos instiga é qual a relação do negacionismo com a religiosidade evangélica? Como uma simples vacina, um antídoto para combater o vírus, se transformou em ponto de discórdia e rejeição de alguns setores evangélicos no Brasil?

O termo evangélico ou protestante nomeia os seguidores da Reforma Protestante, movimento religioso inaugurado em 1517, na Europa, liderado por Martinho Lutero, Henrique VIII, João Calvino, U. Zwinglio e Thomas Munzer, os quais questionaram o Catolicismo. Há uma diversidade de grupos protestantes no Brasil: históricos, a exemplo de Anglicanos, Luteranos, Metodistas, Presbiterianos, Congregacionais, Batistas e Episcopais Anglicanos; pentecostais: Congregação

1. Nota dos Organizadores: "O presente texto foi escrito e submetido à esta coletânea durante a presidência de Jair Bolsonaro (2018-2022) e faz referências a esse governo no presente. Optamos por deixar o texto como está, por guardar marcas do momento de sua escrita".

Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Igreja Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja o Brasil Para Cristo; neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus, Maranata, Igreja Internacional da Graça de Deus, Avivamento Bíblico, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Sara Nossa Terra, dentre outras.

Entendemos a religião como um elemento importante na formação cultural de uma determinada sociedade. Historicamente, diversas formas de relações com o sagrado contribuíram para moldar a realidade sociocultural brasileira, a exemplo do Cristianismo na sua versão Católica e Protestante, o Judaísmo, as Religiões Indígenas e as Religiões de Matrizes Africanas, acrescidas pelo Espiritismo, Islamismo e Novos Movimentos Religiosos na atualidade. A religião é a forma estruturada de crenças, teologia, ritos e instituições e a religiosidade como são internalizados pelos fiéis, as devoções e sentimentos, a religião vivida. (TEIXEIRA, 2017). Portanto, a perspectiva teórica que norteia este artigo perpassa por interfaces entre História Cultural, a partir de Roger Chartier (1990), e de Sociologia da Religião, especialmente o conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu (1974).

Quanto à noção de negacionismo, sinteticamente, é a negação da ciência ou de fatos históricos já comprovados. O termo se refere a um fenômeno político-intelectual ligado a movimentos de extrema-direita na Europa e nos EUA, que aflorou após a Segunda Guerra Mundial, o qual teve origem em grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio dos judeus pelo nazismo e foi popularizado pelo historiador francês Henry Rousso (1987). O fenômeno foi ampliado, posteriormente, para negar a escravidão, o genocídio indígena na América e outros massacres de minorias populacionais (AVELAR, BERBER.VALIM, 2021).

II-Protestantismo e Relações com a Ciência

A Reforma Protestante ocorreu em um contexto de profundas transformações econômicas e sociais, e, como um marco da modernidade, também impulsionaria aspectos da Revolução Científica. Historiadores da ciência ressaltam que o princípio protestante do livre exame da Bíblia, a quebra do exclusivismo católico no Ocidente e o individualismo calvinista impulsionaram as invenções. “A ciência moderna desenvolveu-se, sobretudo no mundo protestante, prova de que as oposições que encontrou, não foram capazes de frear seu dinamismo” (ALLÈGRE, 2000, p.159).

Convém salientar que a nascente burguesia protestante também estava interessada em expandir seu espaço de atuação, bem como desejosa de lucrar com os novos mercados, por isso apostou na técnica e novas soluções para os problemas. Observar e estudar a natureza, como uma criação divina, fazia parte dos procedimentos metodológicos dos estudiosos do início da modernidade. O físico e professor de matemática Johannes Kepler (1571-1630), considerado um dos promotores da Revolução Científica, era de origem luterana e considerava os astrônomos sacerdotes de Deus no livro da natureza (HESS,

2003, p.173).

A ampliação e criação das Universidades nos países europeus de maioria protestante, também concorreram para o desenvolvimento de um espírito mais investigativo. João Calvino e Teodoro de Beza reestruturaram a Universidade de Genebra em 1559. Líderes calvinistas e Guilherme I, príncipe de Orange, criaram a Universidade de Leiden, nos Países Baixos em 1575. Amós Comenius (1592-1670), um professor e pastor protestante, de filiação religiosa aos Irmãos Morávios, escreveu a *Didática Magna* e defendeu a escola pública como a entendemos na atualidade.

Na saudação ao leitor da *Didática Magna*, afirmou o educador e pastor Amós Comenius que “da educação virá a salvação de todo o gênero humano” e que se trata de um árduo trabalho. Para comprovar sua tese, citou Cícero, preocupado com a educação dos romanos e Filipe Melancton no século XVI: “a educação é coisa um pouco mais difícil que a tomada de Tróia” (COMENIUS, 1996, p. 47). Seguindo um princípio reformado, Comenius preconizaria na sua *Didática Magna* uma escola pública para todas as pessoas, uma metodologia de ensino e escolarização para meninos e meninas (SILVA, 2019). A tradição da escola ao lado do templo protestante, se espalhou e certamente contribuiu para a evolução do pensamento científico.

Diante de uma peste, que assolou a região da Baixa Silésia, Martinho Lutero escreveu o panfleto “É permitido fugir do risco de morte?” (LUTERO, 1527). Aconselhava que se alguém vive e enfrenta a doença amparado pela fé não significa que deva evitar medidas de prevenção ou tratamento. Lutero criticou duramente as pessoas que não se cuidavam, pois “Deus criou a medicina, os medicamentos e concedeu a razão para que exerçam a prevenção em relação ao corpo e cuidem dele, para que seja saudável e viva” (LUTERO, *apud* RIETH, 2021, p.81). Conforme o reformador alemão, o cristão deve exercer o bom discernimento e não jogar irresponsavelmente o problema para Deus:

Eis minha exortação: contrariamente, alguns pecam por demais para o lado oposto, são atrevidos e descarados quando tentam a Deus e são negligentes por completo enquanto deveriam prevenir a mortalidade e a peste. Desprezam o uso de medicação e não evitam lugares e pessoas que tiveram a peste e dela se recuperaram, mas jogam e brincam com elas, querendo com isso comprovar sua esperteza (LUTERO, *apud* RIETH, 2021, p.81).

No período contemporâneo, observamos que o desenvolvimento e a popularização de pesquisas relevantes para a humanidade foram realizados por cientistas protestantes ou em instituições vinculadas, tradicionalmente, às denominações evangélicas. Vários expoentes das ciências médicas no mundo ocidental no século XIX eram evangélicos. A Senhora Ellen White, liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia, não era médica, mas uma observadora atenta da sociedade industrializada estadunidense e preocupada com a insalubridade em que viviam os trabalhadores e a população dos EUA passou a investigar formas alternativas e naturais de como ter boa saúde e muitos dos seus ensinamentos,

ainda hoje, continuam a ser praticados pela medicina natural (WHITE, 2007).

O médico britânico, Joseph Lister, que revolucionou as práticas cirúrgicas, era evangélico de origem Quaker, grupo dissidente que condenava a escravidão na Inglaterra e nos EUA. A fé em Deus, ou a filiação religiosa de matriz protestante, nunca foi impedimento para os seus seguidores aceitarem as pesquisas científicas, muito menos acreditarem na ação divina nos processos científicos de cura e conservação da saúde da humanidade.

No Brasil do século XIX e da primeira metade do século XX, anglicanos, luteranos, presbiterianos, metodistas, congregacionais e batistas formavam um minoritário contingente protestante, mas envolveram-se em questões e problemas sanitários que assolavam a população. Na Bahia, o médico anglicano John Paterson, professor da Faculdade de Medicina, na epidemia de *cólera morbus*, (1855-1856) colocou, a serviço da sociedade brasileira, seus conhecimentos sobre as doenças tropicais. Paterson ficou conhecido como o médico dos pobres pelo seu cuidado com a população desassistida. Como reconhecimento pelo seu trabalho foi erguida, pelas autoridades, uma estátua na Rua da Graça, na cidade de Salvador (SILVA, 2017).

Ao final da Guerra de Canudos em 1891, encetada pelo exército brasileiro contra o movimento messiânico liderado por Antônio Conselheiro no sertão da Bahia, presbiterianos e anglicanos juntaram-se ao Comité Patriótico em defesa das vítimas da guerra, magistralmente narrada por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. Os protestantes providenciaram tratamento médico e conforto para os sobreviventes do massacre perpetrado pelo exército republicano, que destruiu o arraial de Belo Monte construído pelos sertanejos conselheiristas (SILVA, 2017).

Em 1910, quando da passagem do Cometa Halley na Bahia, o Padre do município de Pojuca, no Recôncavo Baiano, fez uma procissão e anunciou a possibilidade de haver chegado o fim do mundo. Professora Archimínia Barreto, membro da Primeira Igreja Batista do Brasil, foi contrária àquela histeria coletiva, alimentada pela “desinformação popular e o oportunismo do padre”. Archimínia foi intimada pelo clérigo a retirar-se da cidade. Não se intimidando, pediu providências ao Chefe de Polícia, exigindo garantias de vida e liberdade de culto conforme prescrevia a Constituição do País (BARRETO, 1971, p.21). O incidente entre a Professora Archimínia e o padre serviu de inspiração para um artigo no Jornal Baptista, no qual acusava duramente a Igreja Católica de explorar a ignorância dos seus fiéis para extorquir bens e lucros financeiros. A racionalidade teológica dos batistas não coadunava com a datação de episódios para marcar o fim do mundo.

Em 26 de maio de 1910, o Jornal Batista publicou uma matéria sobre a passagem do Cometa Halley, ressaltando que “passou, felizmente, sem consequências funestas, exceto por alguns suicídios de neurasthenicos e explorações por parte de certos miseráveis que de tudo se servem para tirar proventos pecuniários” (O JORNAL BAPTISTA, 26 de maio de 1910, p.1). Além de criticar a superstição e a falta de conhecimento dos avanços da ciência, o periódico batista foi drástico contra a religião majoritária: “houve indivíduos que andaram

vendendo uma oração em forma de cruz que, como de praxe, foi dictada por um anjo a uma menina.” (O JORNAL BAPTISTA, 26 de maio de 1910, p.1). Nas páginas do Jornal Batista, vários artigos ressaltavam as descobertas científicas e a biografia dos cientistas, protestantes ou originários de países de maioria reformada (SILVA, 2017).

O jornal *Esthandarte* Cristão dos episcopais anglicanos também publicou artigos sobre o cometa Halley ressaltando a ciência na compreensão da natureza criada pela mão divina: “A sciencia nos auxilia, agora, a melhor comprehender a criação de Deus, e é mais fácil confiar n’Elle, quando a dita sciencia nos afirma sobre o cometa Halley, cortar duas vezes a orbita da terra, humanamente falando, não há a menor possibilidade de uma collisão com o nosso planeta” (ESTHANDARTE CRISTÃO, 30 DE ABRIL DE 1910). Acatavam os avanços científicos como um conhecimento permitido por Deus para auxiliar a humanidade. Na década de 1930, frente a um surto de lepra que atacou São Paulo, a Igreja Metodista fez intervenções nos seus periódicos, alertando a comunidade religiosa para seguir os protocolos de higiene, além de atitudes mais práticas pela saúde pública (ALMEIDA, 2018).

III-Momento de inflexão: o Fundamentalismo Protestante nos EUA e no Brasil

Ao observarmos a trajetória do Protestantismo, como de diversos grupos religiosos, observamos que não existe uma linearidade em suas concepções e práticas, mas há rupturas e mudanças conjunturais nos discursos e representações, que se explicam pelas transformações históricas provenientes do próprio contexto social, os quais, por sua vez, sofrem injunções de diversos fatores, não apenas aos que remontam ao sagrado ou devocional.

Na transição do século XIX para a centúria do XX, o mundo passou por profundas mudanças, inclusive no interior do Protestantismo. Com o avanço das Ciências Históricas e da Arqueologia muitos exegetas e teólogos iniciaram a questionar a interpretação dogmática do texto bíblico. Gestou-se um movimento conservador nos EUA, como reação ao que se considerava modernismo teológico e desvio das verdades bíblicas da fé reformada, preconizados pelos novos teólogos europeus e estadunidenses que se utilizavam da crítica histórica para interpretar a Bíblia.

Especialmente repercutiram os discursos opositores, entre setores Presbiterianos e Batistas, os quais condenavam a Nova Teologia, chamada de modernismo. Nos anos 1909 e 1915, publicaram uma série de brochuras consideradas pelos autores elementos fundamentais da fé cristã e intitularam *The Fundamentals: A Testimony To The Truth* (PACE; STEFANI, 2002). O conceito de fundamentalismo originou-se dessas formulações feitas pelo Protestantismo dos EUA. Pugnavam contra “o modernismo pernicioso” e o Evangelho Social que tinha uma proposta de releitura bíblica a partir dos problemas sociais.

Os fundamentalistas defendiam um retorno às verdades bíblicas, em torno dos

princípios doutrinários: “a absoluta inerrância do texto bíblico; reafirmação da divindade de Cristo; Cristo nasceu de uma virgem; redenção universal garantida pela morte e ressurreição de Cristo; ressurreição da carne e certeza da segunda vinda de Cristo” (PACE; STEFANI, 2002, p. 28). Os principais inimigos eram: a Igreja Católica, o Socialismo, a Filosofia Moderna e a Teologia Liberal. “Num encontro da *Northern Baptist Convention* em 1920, Curtis Lee definiu fundamentalista como alguém que está disposto a recuperar territórios perdidos para o Anticristo e a lutar pelos fundamentos da fé” (ARMSTRONG 2001, p.150).

Gradativamente o movimento fundamentalista transformou-se em discurso político, com desdobramentos sociais. Durante a Primeira Guerra Mundial demonizaram a Alemanha, considerada um país nefasto de onde procediam as doutrinas modernistas.

Em 1919, organizaram um congresso em Filadélfia com mais de seis mil evangélicos de todas as denominações e fundaram a *World's Christian Fundamentalist Association* (WCFA), com a intenção de propagar suas ideias e práticas. A criação da *homeschooling* é desse período, quando pais evangélicos fundamentalistas resolveram escolarizar suas crianças em seus próprios lares para evitar as ideias científicas do darwinismo, que discordavam da leitura criacionista da Bíblia (ARMSTRONG, 2001).

No século XX, o principal divulgador dos princípios fundamentalistas foi o Reverendo Presbiteriano Carl McIntire, líder do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, criado em 1948, em oposição ao Conselho Mundial de Igrejas, de linha ecumênica e progressista. Calcados no princípio da inerrância bíblica condenavam qualquer exegese bíblica que buscasse uma contextualização dos ensinamentos das Escrituras, eram literalistas e anacrônicos na sua interpretação da Bíblia. Jean-Paul Willaime sugeriu que a busca do fundamentalismo pode ser uma demanda psicossocial: “Ao oferecer uma verdade religiosa bastante definida, o fundamentalismo pode responder às aspirações psicossociais daqueles que, num mundo em profunda mutação, procuram referenciais estáveis” (WILLAIME, 2000, p. 28).

O movimento fundamentalista não admitia o progresso da crítica histórica, tinha uma atitude de descrédito e de negação da ciência. O final do século XIX foi um tempo de incertezas nos EUA, o que certamente favoreceu o ressurgimento de ideias apocalípticas, o reavivamento das doutrinas bíblicas e a certeza que só Deus salvaria a pátria e o mundo decaído pelo modernismo e o cientificismo materialista. O episódio com o Professor John Scops, que ministrava aulas de Biologia (1925) no Tennessee seguindo as teorias do darwinismo e por isso foi levado ao tribunal ganhou estrondosa repercussão: criacionismo x evolucionismo, ciência x religião se tornou um debate público.

Martin Dreher concluiu que “para o fundamentalismo, a verdade religiosa é pressuposto para a ação política. Seu alvo é a sociedade perfeita” (DREHER, 2005, p. 9). Ao criticar o modernismo teológico e o cientificismo da sociedade, os fundamentalistas também buscavam intervir na ordem social. Consideravam o Evangelho Social e os sindicatos como diabólicos e um sinal do Anticristo. Após a II Guerra Mundial, os fundamentalistas

alinharam-se à direita. “McIntyre aderiu à J. McCarthy contra o comunismo e alimentou o macarthismo entre os evangélicos.” (ARMSTRONG, 2017, p.352).

Instituições eclesiásticas centenárias dividiram-se em opositores e defensores do fundamentalismo. Em 1920, um grupo liderado pelo Pastor Batista William Bell Riley se afastou da Convenção Batista do Norte dos EUA, criticando o liberalismo teológico fundando a Bible Baptist Union. O Reverendo Carl McIntire organizou a Igreja Presbiteriana Bíblica e o Seminário Teológico da Fé seguindo os discursos e as práticas fundamentalistas. “O movimento conservador foi abraçado por empresários, que passaram a financiar publicações e atividades proselitistas nos EUA e no exterior” (SILVA, 2021).

O Protestantismo Brasileiro esteve sempre atrelado às grandes instituições evangélicas dos EUA, em decorrência da atuação de missionários estadunidenses e a cooperação financeira com os empreendimentos educacionais e proselitistas no País. O Reverendo Carl McIntire ultrapassou as fronteiras dos EUA em sua cruzada fundamentalista, conferenciando no Chile, Peru, Argentina e Coreia. Em 1959, chegou ao Brasil, realizou palestras em São Paulo, no Teatro Municipal e no Rio de Janeiro.

Reverendo McIntire pregou em templos congregacionais, no Rio de Janeiro, a convite do Pastor Sinésio Lyra da Igreja Bíblica Congregacional, o qual fez questão de explicar ao articulista do jornal *Correio da Manhã*, em uma missiva: “pertencço a um Grupo de Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil (não confundir com a Confederação Evangélica do Brasil que está ligada ao Concílio Mundial de Igrejas)” (CORREIO DA MANHÃ, 1959, ed. 20358). Pastor Sinésio Lyra foi considerado por McIntire “um santo e um soldado a nosso comando” (ANDERSON; RHOADS, 2011, p. 153), tornou-se presidente da Associação Fundamentalista Evangélica da América Latina (ALADIC).

Uma tentativa de inserção do fundamentalismo entre os Batistas ocorreu em 1949, atingindo lideranças da Convenção Batista da Bahia e da Associação Batista do Brasil, naquele momento separadas da Convenção Batista Brasileira dirigida pelos missionários estadunidenses da Junta de Richmond. A NABA se diferenciava das demais agremiações atuantes no Brasil pela “afirmação fundamentalista e antimodernista, ao aceitar a doutrina bíblica exatamente como está nos textos sagrados, numa leitura linear e interpretação direta” (TEIXEIRA, 2017, p. 90).

A Associação Fundamentalista Evangélica da América Latina (ALADIC) continuou realizando congressos, com temáticas escatológicas e conservadoras: Em 2012, aconteceu em Campinas, o XXI congresso da ALADIC e o XVIII Congresso Internacional do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs fundado por Carl McIntire. Em 2015, ocorreu em Recife o XXII congresso da ALADIC, com o tema “Vigiar para não cair no racionalismo, que é muito perigoso” com a presença de delegações dos EUA e de toda América Latina.

O movimento fundamentalista criou raízes na sociedade estadunidense, bem como na sociedade brasileira, se adaptou às novas conjunturas e renovou-se seguindo as novas tecnologias de comunicação. O fundamentalismo se ressignificou: a geração de

1960, incluindo o Pastor Batista Billy Graham e sua Associação Evangélica, absorveu o conservadorismo teológico, que desembocaria na década de 1970 na Nova Direita Cristã e na Maioria Moral, alinhada a uma pauta política conservadora, sob a liderança de Jerry Falwell, que combatia o liberalismo nos EUA. Era o “neofundamentalismo evangélico” (MARTELLI, 1995, p. 10).

O fundamentalismo e o conservadorismo do Pastor Batista Billy Graham marcaram profundamente os protestantes brasileiros. Os livros do Pastor Batista estadunidense foram intensamente divulgados no Brasil. A obra *Mundo em Chamas*, de 1968, publicada no País pela Record, traz uma mostra do pensamento fundamentalista de Graham no próprio título, *o mundo em chamas*, que remete ao fogo apocalíptico que, na sua visão, tinha “explosão demográfica, cientificismo, iniquidade, imoralidade, novas teologias, cristianismo sem Deus e o comunismo ateu, que queria dominar o mundo politicamente” (GRAHAM, 1968, p. 248).

No Brasil, os setores protestantes progressistas e opositores do movimento fundamentalista vinculavam-se à Confederação Evangélica do Brasil, apoiada pelo Conselho Mundial de Igrejas, que fundou o Setor Igreja e Sociedade, em 1955, proposta ecumênica e voltada para os problemas do País. O grupo era liderado pelos presbiterianos Richard Shaul e Waldo Cesar formado por setores de várias denominações. O fundamentalismo reavivou o ódio ao comunismo, pois o Protestantismo brasileiro o identificava como diabólico desde a Revolução Russa, em 1917, e representavam a Rússia como o reino do terror, mandíbulas do inferno. “O perigo que ameaçava o mundo era o bolchevismo, o ateísmo e crimes, semeando a discórdia entre patrões e operários, além de perseguir as religiões” (SILVA, 2017, p. 135).

Os protestantes ecumênicos realizaram quatro conferências nacionais sobre a responsabilidade social da Igreja (SILVA, 2010). Por causa desta visão social, os setores progressistas eram vistos pelos fundamentalistas como heréticos e comunistas. Reverendo Sinésio Lyra afirmou: “a influência comunista está se fazendo em vários setores da vida nacional. Líderes do Concílio Mundial de Igrejas são agentes do comunismo, protestantes apóstatas, que vêm ludibriando igrejas evangélicas” (CORREIO DA MANHÃ, 1959, ed.20358). O anticomunismo se confundia com o antiecumenismo entre os fundamentalistas.

Em 1964, frente ao Golpe militar que instalou a Ditadura civil militar no Brasil, apoiada oficialmente pela hierarquia protestante, Reverendo João Dias Araújo da Igreja Presbiteriana relatou que no mesmo dia do golpe, o Reverendo Presbiteriano Israel Gueiros, líder fundamentalista, num programa na Rádio Clube Pernambuco “agradeceu a Deus pelos militares golpistas e denunciou que, havia uma cátedra de teologia marxista no Seminário Presbiteriano do Norte, e o professor era João Dias de Araújo” (ARAÚJO, JOÃO DIAS. ENTREVISTA CONCEDIDA À ELIZETE DA SILVA, FEIRA DE SANTANA, 26 NOV., 2013). Reverendo Israel Gueiros prosseguiu nas denúncias contra o Reverendo João Dias de Araújo “acusado de incitar os jovens seminaristas às ideias comunistas”. Delatado, o Reverendo Araújo foi chamado pelo DEOPS para depor.

IV- A Conjuntura atual: Evangélicos Negacionistas e a Teologia da Prosperidade

O Coronavírus é uma pandemia que se arrasta por quase dois anos e demonstrou de forma clara os vínculos de um setor evangélico com o fundamentalismo, o negacionismo e a necropolítica. Segundo o historiador camaronês Achille Mbembe, a necropolítica é o poder de dispor da vida e da morte vivido em regimes autoritários, bem como durante a escravidão e no período colonial (MBEMBE, 2016). A necropolítica, concretamente, pode se manifestar em expressões e atitudes de incentivo à violência repetidas pelos eleitores bolsonaristas: “bandido bom é bandido morto” ou “para que Direitos Humanos para bandidos?”

O discurso do setor evangélico fundamentalista, que segue a Teologia da Prosperidade, sobre a pandemia do Coronavírus se alinhou de forma explícita com a política negacionista do Governo Federal. O Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, em redes sociais em 15 de março de 2020, declarou “Veja só, todo mundo está falando no Coronavírus e o mundo inteiro está ajoelhado diante dessa maldição, dessa praga chamada Coronavírus, histeria da imprensa e obra de Satanás” e recomendou como antídoto o “Coronafé”. Seguindo a mesma postura do Palácio do Planalto, o Bispo iurdiano acusou: “a mídia tem jogado pavor no ar, há muito mais mortes por outras causas. Por trás há interesse econômico, é uma tática de Satanás.” (MACEDO, 2020).

Edir Macedo é um líder religioso poderoso, pois comanda dez mil templos da Igreja Universal do Reino de Deus espalhados em todo o território nacional e em vários países do mundo. Em 11 de junho de 2020, o Bispo Macedo postou em suas redes sociais, que teve o Coronavírus, se hospitalizou e foi curado com a cloroquina. A “Cloroquina de Jesus” já foi cantada em manifestação pública pelos evangélicos em vários locais do Brasil.

A insistência do Presidente da República em prescrever Cloroquina até para as emas do bosque do Palácio do Planalto não vem de uma revelação divina especial que ele recebeu, como pensam alguns evangélicos, mas da influência do Donald Trump seguido por Jair Bolsonaro, que é sócio de uma indústria de fármacos que fabrica o tal remédio, conforme notícia de periódicos estadunidenses e brasileiros. Mais uma vez, o mercado acima de tudo desmente na prática presidencial o seu slogan “Deus acima de Tudo”. Só se ele fala de outro Deus. Como diria o crítico Paul Lafargue (1842-1911) “é o deus mercado que comanda a vida na religião do capitalismo”, no seu famoso panfleto *O Direito à Preguiça* (1999). Ou seguem o deus Mamom, como está na Bíblia ao se referir à ganância do dinheiro, segundo o texto bíblico de Mateus 6:24.

Outra atitude negacionista dos evangélicos fundamentalistas foi a reação contra o isolamento social, que partiu principalmente dos pastores empresários Silas Malafaia do ministério Vitória em Cristo, ligado à Assembleia de Deus e Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus, grupos religiosos de origem pentecostal e seguidores da Teologia da

Prosperidade, uma vertente doutrinária largamente difundida entre os Neopentecostais, que enfatiza a prosperidade material e financeira do fiel, como o foco central tanto da liturgia, quanto das práticas rituais. O pastor assembleiano Malafaia, em suas redes sociais, desafiou as recomendações das autoridades e atrevidamente disse: “ninguém vai impedir meus cultos.” (MALAFAIA, 2020)

À primeira vista, uma possível razão para tal atitude seria a confiança que Deus livraria os fiéis reunidos em sua congregação dos malefícios e da letalidade de um vírus, que já ceifou milhões de vidas. Deus acima de tudo, inclusive das evidências da realidade e dos diagnósticos científicos, atitudes típicas de religiosos negacionistas, fundamentalistas. Mas, observando o discurso pastoral com mais cuidado, chegamos a outras razões para tal irresponsabilidade de homens que, em decorrência da liderança espiritual exercida, deveriam contribuir, positivamente, para preservar seus fiéis e a população em geral dos perigos de uma infecção catastrófica.

Pelo princípio do sacerdócio universal, os evangélicos, para realizarem a sua devoção, não precisam frequentar o templo do Pastor Malafaia ou do Bispo Macedo. Os evangélicos, doutrinariamente, não precisam ir ao templo, nem do pastor para realizar seus cultos. O sacerdócio universal garante que todos os fiéis, homens e mulheres podem se relacionar com Deus sem a mediação do pastor. Na Bíblia está escrito, que “Deus não habita em templos feitos pela mão do homem” (BÍBLIA, ATOS 7: 48), portanto não existe o lugar sagrado, Deus está em qualquer lugar que seja invocado. Os protestantes não confundem o templo, o espaço físico, com a Igreja, a reunião dos fiéis, a congregação.

Uma prática corrente entre os evangélicos, pelo menos entre os Batistas, é a realização de cultos domésticos, geralmente feitos antes das refeições nos lares, com leitura bíblica, cânticos e orações, seguindo a mesma liturgia do templo. Portanto, para realizarem a sua devoção não precisam frequentar o templo do Pastor Malafaia ou do Bispo Macedo, aliás, templos acintosamente luxuosos frente à pobreza dos milhares de irmãos, que os frequentam e sustentam. Na verdade, o que alimenta a atitude desses líderes religiosos negacionistas é a prática da Teologia da Prosperidade, que se nutre da doação dos dízimos e das ofertas das pessoas, que frequentam seus templos. O dízimo, as ofertas também estão na Bíblia, porém a forma coercitiva como é cobrado por esses pastores é profundamente mercadológica, adequada ao capitalismo selvagem que apenas visa o lucro, independente da exploração causada aos trabalhadores.

O Pastor Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, mais um mercador da fé, foi processado por estar difundindo falsas esperanças de cura do Coronavírus com uma plantinha milagrosa, vendida a preço astronômico. Segundo Santiago era para cobrir os prejuízos pelos templos fechados. Certamente, a pobreza e a caridade evangélica que esses pastores deveriam cultivar se transformaram em cobiça do vil metal, ao colocar em risco os próprios membros de sua congregação, pois poderiam realizar seus cultos e reuniões via online, como muitos grupos religiosos têm realizado.

O Decreto do Presidente da República de 26 de março de 2020 colocando as agências de loterias e igrejas como serviços essenciais e que devem ser mantidos nos remete ao lucro que o Estado auferir com os jogos lotéricos e aos pastores com o recebimento dos dízimos, que em tese, não pertence a eles individualmente, mas às comunidades religiosas que administram. Que motivos levariam o mandatário do Governo a decretar a abertura aos cultos, senão atender a uma demanda do setor evangélico, que sustenta o seu governo, em especial a Bancada Evangélica, conhecida pelo conservadorismo e defesa de interesses particulares de grupos religiosos, em detrimento de políticas públicas que, de fato, possam resolver os graves problemas nacionais, inclusive o combate ao Coronavírus.

Os pastores empresários da fé e negacionistas são homens ricos. Bispo Edir Macedo é considerado um dos mais ricos do país, dono de um império de comunicação a serviço do Governo Bolsonaro. Segundo a Revista Forbes de janeiro de 2013, a fortuna do Bispo Macedo é de dois bilhões. O Pastor Valdemiro Santiago da Igreja Mundial do Poder de Deus acumula 400 milhões e Pastor Silas Malafaia 300 milhões. O Pastor R. R. Soares da Igreja Internacional da Graça de Deus aparece com 250 milhões, o qual solicitou aos fiéis que durante a pandemia com os templos fechados fizessem a doação dos dízimos via transferência bancária.

A reação desses religiosos, que estão sempre a brandir suas Bíblias, nos faz lembrar um episódio narrado nas Escrituras Sagradas, quando os sacerdotes do templo de Salomão foram expulsos por Jesus pelo fato de mercadejar as ofertas e sacrifícios dos judeus e transformar o local em covil de ladrões e vendilhões dos símbolos sagrados, conforme narrado no Evangelho de João. Estes pastores empresários seguem os princípios bíblicos seletivamente, o que lhes interessa para aumentar as verbas de seus negócios. Esqueceram o que Jesus recomendou: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a prata e a ferrugem consomem, onde os ladrões minam e roubam...olhai os lírios do campo, não trabalham nem fiam e vosso Pai Celestial os alimenta” (BÍBLIA, MATEUS 6:19.20).

A necropolítica do Governo Bolsonaro tem se manifestado da forma desumana. No dia 28 de abril de 2020, o Coronavírus provocou alarmantes sinais de que, de fato, estávamos vivendo uma tragédia anunciada. O pico de morte atingiu cidadãos brasileiros mais do que atingiu a China, além de hospitais sem condições de prestar socorro e cemitérios enterrando cadáveres empilhados. Perguntado pelos jornalistas a sua opinião, o Presidente da República do Brasil respondeu de forma monstruosa: “E daí? Lamento, mas o que eu posso fazer? Eu sou Messias, mas não faço milagres!” (CARTA CAPITAL, 28 DE ABRIL DE 2020). O Presidente se comporta como Pôncio Pilatos da narrativa bíblica, que lavou as mãos frente à crucificação de Jesus.

As práticas negacionistas do Presidente da República e de setores evangélicos fundamentalistas frente à Pandemia do Coronavírus são legitimadas no Parlamento, por uma *Bancada Evangélica*, que dá sustentação política a Bolsonaro e quer dominar politicamente o País, numa atitude típica de agremiações autoritárias, que pensam ter a

melhor religião, os melhores valores e querem impor à sociedade, em geral. Pesquisando as perspectivas políticas dos neopentecostais fundamentalistas, Caroline Luz Silva Dias concluiu: “os evangélicos fundamentalistas querem governar o Brasil chegar ao poder e exercê-lo segundo suas doutrinas” (DIAS, 2009, p. 133).

Setores evangélicos fundamentalistas dos EUA também defenderam as ações iniciais de Donald Trump em relação ao Coronavírus. O Pastor Landon Spradlin, cantor gospel, residente no estado da Virgínia, também foi à imprensa dizer que não havia pandemia e sim histeria provocada pelos inimigos do seu correligionário Trump. O Pastor estadunidense continuou suas atividades religiosas públicas, não tardou ser atacado por uma pneumonia e logo depois infectado pelo Coronavírus, que o levou a óbito em 26 de março de 2020, segundo o Jornal ABC.

A necropolítica do Governo estadunidense, da era Trump, parece ser o modelo seguido pelo Governo Federal do Brasil. Nos EUA, as manifestações de evangélicos fundamentalistas contra o isolamento social foram semelhantes. Segundo manifestantes em Maryland: “Existiu uma reação exagerada, na verdade isso é como uma gripe. É hora de voltar à vida normal. Estudei a Bíblia e descobri que Satã está por traz de tudo isso, porque quer um governo mundial” (EL PAÍS, 2020). Numa alusão ao Armagedon, a luta entre Deus e o Diabo no final dos tempos, o apocalipse.

Como detratores das pesquisas científicas, os evangélicos fundamentalistas, devem ficar felizes com um presidente que trata a Pandemia do Coronavírus como “uma gripezinha, e que nada pega nos brasileiros, que vivem com os pés no esgoto”. Porém, idosos e jovens evangélicos foram infectados, como o Pastor Sócrates Oliveira de Souza da Igreja Batista Atitude, frequentada pela então primeira dama Michele Bolsonaro, testou positivo para o Coronavírus, bem como o presidente da Bancada Evangélica na Câmara dos Deputados, o Pastor e deputado Silas Câmara, do Partido Republicano, certamente não acreditavam que o Coronavírus fosse tão grave. A cantora gospel Bárbara Amorim, da Igreja Renascer em Cristo, liderada pela Bispa Sônia e o Bispo Hernandes, também foi infectada pelo Covid 19. A pergunta imperativa: como o Tomé da Bíblia estes evangélicos só acreditariam na pandemia se sentisse pessoalmente na pele?

Pesquisadores da História e das Humanidades em geral estão sendo atingidos por uma onda de narrativas equivocadas realizadas por pseudo-professores que defendem versões dos fatos de forma preconceituosa, anacrônica e opiniática sobre a História do Brasil: uma versão tupiniquim do negacionismo. Tanto evangélicos quanto católicos conservadores são retroalimentados com vídeos da empresa *Brasil Paralelo*, fundada no Rio Grande do Sul, em 2016, com objetivo de contar outra trajetória do País. Trata-se de uma produtora de conteúdos que nega a historiografia acadêmica, acusando de marxista e ideológica. Um exemplo da narrativa equivocada: a fonte documental que usaram para falar da Independência do Brasil são relatos do deputado do PSL Luiz Philippe Maria José Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, um monarquista descendente da

família real (BRASIL PARALELO, 2018).

V-A Reação Democrática dos Evangélicos contra a Necropolítica

Os Evangélicos não formam um grupo religioso homogêneo. Assim como seguem distintas doutrinas, também divergem em posicionamentos políticos. Protestantes ecumênicos e progressistas presbiterianos, metodistas, batistas e luteranos criaram em 2016 um grupo de oposição designado como *Frente Evangélica Pelo Estado de Direito*, defendendo a Democracia, contra a cassação do mandato da Presidenta Dilma Rousseff e a instrumentalização política das Igrejas Evangélicas pelo voto de cajado, o antigo voto de cabresto. Desenvolvem atitudes radicalmente opostas aos negacionistas evangélicos. Ariovaldo Ramos, pastor evangélico e um dos líderes da *Frente Evangélica Pelo Estado de Direito*, opinou em pronunciamento em rede social: “no Brasil, o trato da pandemia virou questão ideológica, e a verdade se tornou um luxo proibido, e, assim, cada cidadão ou cidadã morta por coronavírus, virou um mero detalhe, um efeito colateral” (DOM TOTAL, RAMOS, 2021).

Em julho passado, a *Coalizão Evangélica Contra Bolsonaro*, constituída por Evangélicos opositores de todo o Brasil, lançou um manifesto contra a “política de morte” do Presidente Jair Bolsonaro. O Pastor Batista Henrique Vieira é um dos líderes do movimento que publicizou no dia 22/7/2021 um documento assinado por 37 entidades religiosas inclusive a *Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito*, *Movimento Negro Evangélico* e a *Missão Integral*. “Bolsonaro não tem ideia do que seu Negacionismo causou na base da fé cristã, dos protestantes, o que deve ter acontecido com católicos e espíritas”, afirmou o Pastor Ariovaldo Ramos (DOM TOTAL, 27 de julho de 2021).

No manifesto da *Coalizão Evangélica Contra Bolsonaro*, condena-se explicitamente a instrumentalização da fé de alguns setores para atingir as propostas governistas: “o bolsonarismo cria uma religiosidade mentirosa que nada tem a ver com o verdadeiro Evangelho, causando perversão e idolatria cega, além de uma ignorância negacionista, tanto da ciência como dos ensinamentos libertadores e verdadeiros de Jesus Cristo”(VOZ DAS COMUNIDADES, 25/07/2021). Enquanto nos Evangelhos do Novo Testamento encontra-se a valorização da vida e da dignidade humana, a cura de enfermos e a multiplicação dos pães e peixes, no governo de Jair Bolsonaro há “um agir maligno, que já permitiu a morte desnecessária de mais de meio milhão de irmãos e irmãs”, diz o documento (VOZ DAS COMUNIDADES, 25/07/2021).

Lideranças da *Frente Evangélica pelo Estado de Direito* lamentam o estrago que o negacionismo e a irresponsabilidade das autoridades provocaram na população brasileira. Segundo os cálculos internos foram centenas de evangélicos mortos pelo Coronavírus, “A proporção de evangélicos (entre 25% e 30% da população brasileira) que morreram é muito grande. Muitos pastores cooperaram com o negacionismo de Bolsonaro. As pessoas o apoiaram na prática, foram a movimentos, cultos, encontros. Mas, então, começaram a ser

assaltadas pela realidade”, diz Ramos. “O tio, a avó, o avô, parentes começaram a morrer” (DOM TOTAL, 27 de julho de 2021).

A tragédia que já levou a óbito milhares de brasileiros é impossível de ser negada. O combate de Bolsonaro a medidas simples, mas fundamentais, como uso de álcool em gel, máscaras de proteção, distanciamento social, e até mesmo as vacinas, foi seguido por milhões de evangélicos, e o resultado catastrófico se abateu sobre eles. “A nossa fé não combina com um governo que, como disse Jesus, se assemelha à face do mal – que veio para matar, roubar e destruir (João 10:10)”, diz a Coalizão Evangélica. (VOZ DAS COMUNIDADES, 25/07/2021).

VI -Considerações Finais

Seria a hipótese de pensarmos que os mesmos fundamentalistas defensores que a terra é plana acreditam que estarão imunes ao vírus apenas pelo fato de serem evangélicos? Esse é o obscurantismo que nega os avanços da ciência, não faz parte da trajetória dos evangélicos históricos no Brasil e no mundo, em geral. Tal atitude que se nega a pensar em soluções coletivas e científicas frente aos problemas sanitários, de fato, nada tem de evangélico é, sobretudo, parte do individualismo e do amor ao dinheiro dos falsos profetas, dos falsos messias, dos falsos mestres, que defendem os seus próprios interesses, seguindo o neoliberalismo e o Governo omissivo.

Os evangélicos fundamentalistas fizeram alianças com os grupos políticos mais conservadores do país, defendendo valores tradicionais e o negacionismo científico, como um retorno anacrônico aos princípios bíblicos. São os mesmos seguidores de um projeto de poder que se nutre de visões teológicas impositivas, de um moralismo farisaico, que não leva em consideração a pluralidade religiosa da sociedade brasileira.

Por outro lado, um setor evangélico progressista e ecumênico vem fazendo oposição ao autoritarismo e a necropolítica do Governo Federal encetando campanhas de esclarecimento e procedimentos recomendados pela Organização Mundial da Saúde, em defesa da saúde pública no país e de uma espiritualidade inclusiva, que respeita a diversidade religiosa do Brasil, que não se autorreferencia como dona da verdade e se coloca a serviço de uma convivência democrática e do diálogo inter-religioso.

Referências Bibliográficas

ALLÈGRE, Claude. Deus e a Ciência. Bauru-S P. EDUSC, 2000.

ALMEIDA, Vasni de. “Ouvir a Voz de Deus no Mundo” história dos modos de integração social de uma igreja evangélica brasileira. Nova Editora, Tocantins, 2018.

ANDERSON, Nancy T. e RHOADS, Gladys. *McIntire defender of Faith and Freedom*. USA, Xulon Press, 2011.

ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus*. O Fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e no Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

AVELAR Alexandre de Sá. Bevernage, BERBER . VALIM, Patrícia. Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COMÊNIO, J. A. *Didática Magna*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes, 1996.

DIAS, Caroline Luz Silva. *Os Neopentecostais em Feira De Santana: Da Visão Celular no Modelo dos 12 ao Mover Celular do Fruto Fiel*. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

DREHER, Martin N. O Fundamentalismo Religioso e sua Importância na Resolução ou Agravamento do Conflito Palestino-Israelense. *Rev. Trimestral*, Porto Alegre, v.35, n.149, set, 2005.

GRAHAM, Billy. *Mundo em Chamas*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

HESS, Pieter M. J. Os Dois Livros de Deus: a Revelação Especial e a Ciência Natural no Ocidente Cristão In PETERS, Teo e BENNETT, Gaymond. *Construindo Pontes Entre a Ciência e a Religião.*, São Paulo, Editora UNESP, e Edições Loyola, 2003.

LAFARGUE, Paul *O Direito à Preguiça*. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

LEONÁRD, Emile G. *O protestantismo brasileiro*. ASTE: São Paulo, 2002.

MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. Entre Secularização e Dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MBEMBE Achilles Necropolítica biopoder soberania estado de exceção política da morte. *Arte & Ensaios revista do ppgav/eba/ufjf* n. 32 dezembro, 2016.

PACE, E. P. STEFANI O Fundamentalismo Religioso contemporâneo, São Paulo, Paulus, 2002.

RIETH, Ricardo W. É permitido fugir do risco de morte? M. Lutero: Práticas culturais em um panfleto da peste no começo da Época Moderna *Revista M*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-91, jan./jun. 2021.

ROUSSO, Henry. *Le syndrome de Vichy (1944-1987)*. Paris: Seuil, 1987.

SILVA, Elizete da. A Trajetória de João Amós Comenius: Um Educador Insurgente e Ecumênico. In Souza, Sueli Ribeiro Mota, Santos, Luciano Costa (Org.) *Entre-Linhas Salvador*, EDUFBA, 2019.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria Anglicanos e Batistas na Bahia*. Salvador: SAGGA Editora, 2017.

SILVA, Elizete da. Fundamentalismo Cristão Na Perspectiva Protestante. In CHEVITARESE, André, CAVALCANTI, Juliana, MARIA, Tayná L. (Orgs.) *Fundamentalismo Religioso Cristão Olhares Transdisciplinares*. Rio de Janeiro. Ed. Kliné, 2021.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

TEIXEIRA, Marli Geralda “Nós os Batistas” Um Estudo de História das Mentalidades. Salvador: Saggá, 2017.

WHITE, Ellen G. *Conselhos Sobre Saúde*. Tatuí, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WILLAIME, Jean-Paul. Para uma análise sociológica do protestantismo. In *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo: UESP, 2000.

Lista de fontes

BÍBLIA Sagrada. Edição J. F. Almeida

BRASIL PARALELO, 2018. Blog.

CARTA CAPITAL, 28 DE ABRIL DE 2020

CORREIO DA MANHÃ, 1959, ed.20358

DOM TOTAL, 27 de julho de 2021 Blog

EL PAÍS, 2/05/2020

ESTHANDARTE CRISTÃO, 30 DE ABRIL DE 1910.

O JORNAL BATISTA, RIO DE JANEIRO, 26 DE MAIO DE 1910.

O JORNAL BATISTA. RIO DE JANEIRO 26 DE MAIO DE 1910.

REVISTA FORBES de janeiro de 2013. ÉPOCA NEGÓCIOS ONLINE

18 JAN 2013.

VOZ DAS COMUNIDADES, 25/07/2021. Blog.